

**LACAN E SLAVOJ ŽIŽEK: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA UM VISLUMBRE  
FILOSÓFICO-PSICANALÍTICO DA OBRA “O COBRADOR” DE RUBEM  
FONSECA.**

Lorene Camargo\*

Marisa Correa Silva

*[...] em meio aos numerosos significantes que percorrem  
o mundo, passa a haver, ainda por cima, o corpo despedaçado (Lacan, 2009, p.16).*

O resumo que segue é fruto de uma pesquisa ainda em andamento e possui como tema o diálogo entre a obra literária de Rubem Fonseca “O Cobrador” (1979), o filósofo lacaniano Slavoj Žižek e o intercâmbio de ambos permeado pelos 4 Discursos do psicanalista Jacques Lacan. Para isto, a hipótese inicial é a de que, ao tratarmos da fala da obra literária em questão, pode-se pensar que o próprio protagonista executa o discurso da histérica, proposto por Lacan, em desafio ao possível discurso social do mestre, também deste último autor. O objetivo geral deste estudo é o de justamente verificar se há relação entre os conceitos (discursos) e a obra literária de Fonseca. Justifica-o por ser considerada de extrema importância a interlocução e o diálogo entre as áreas do conhecimento envolvidas (Letras e Psicologia); bem como pelo fato de a orientanda já ter realizado uma iniciação científica com o mesmo autor literário e, visando acentuar seus conhecimentos acerca deste, percebe que há a necessidade de entrar em contato direto com a área a que pertence a obra, ou seja, a Literatura. Para que se possa chegar a concluir o estudo, tem sido necessário o estudo e a sistematização da teoria psicanalítica de Lacan (o que concerne à pesquisa ao seu máximo), assim como do que propõe Slavoj Žižek, com o Materialismo Lacaniano.

“O Cobrador” nasceu em no período do regime ditatorial brasileiro, no ano de 1979. Culturalmente, as reações à imposição de um governo ditatorial ocorreram em todos os âmbitos, entenda-se: teatro, música, literatura, ciências sociais, etc. O objetivo maior era demonstrar a revolta em não mais se ter assegurada liberdade de expressão, zelada por tais

setores da cultura nacional. De acordo com Hollanda (1987, p.23), os anos que sucederam o golpe militar clamavam por movimentações das mais variadas formas, ou seja, era preciso “expressar, contra o autoritarismo que subia ao poder, a determinação à denúncia e ao enfrentamento”.

Rubem Fonseca é um escritor pertencente à Terceira Geração do Modernismo no Brasil, caracteristicamente portador de um realismo marcante e, segundo Alfredo Bosi (apud Alves, s/d), brutalismo característicos em suas obras. O foco de sua narrativa é o submundo brasileiro, retratando, assim, as mazelas dos moradores das favelas, em sua maioria. Em se tratando de “O Cobrador” (1979), há uma horizontalização das relações entre assassino e vítima, entre pobres e ricos, ou seja, todos são passíveis a sofrerem dos mesmos males e realizarem as mesmas atrocidades com outrem, não sendo de extrema relevância a posição na sociedade em que vivem (Pinto, 2004).

Como marca de sua narrativa, Fonseca expõe, da mesma maneira que o faz em relação à vida urbana do brasileiro, o corpo humano em sua totalidade: analisado como constituição completa do homem, também vítima de mecanismos de putrefação. Como aponta Vidal (1998, p.15), “Também foi observado que as descrições do autor eliminam as barreiras das partes “proibidas” do corpo, mostrando-o repulsivo e atraente, incompleto e excessivo”. É, portanto, uma das formas de expressar o homem na obra Fonsequiana.

A leitura aqui pretendida é a partir da corrente teórica “Materialismo Lacaniano”, mais especificamente com o filósofo esloveno Slavoj Žižek, um dos fundadores. Esta vertente de pensamento contemporânea constitui-se numa crítica ao marxismo ortodoxo, afirmando que, não mais suficiente para explicar fenômenos do hoje, a mais radical leitura de Marx deve ser repensada. Para isto, Žižek, assim como Alain Badiou (outro nome da corrente filosófica), apropriam-se da teoria psicanalítica francesa de Jacques Lacan. Alguns conceitos do francês são de extrema importância para que se compreenda a forma como Žižek vê a contemporaneidade e seus fenômenos (especialmente políticos), já que é a principal ferramenta de análise do social.

Lacan (citado por Nasio, 1993, p.11), afirma que “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Esta entendida como a forma de expressão de sintomas pelo paciente, o

analisando. Isto nos leva ao conceito de discurso, para Lacan (2009), em que é também visto como uma estrutura, provavelmente parte estruturante deste chamado Inconsciente, que se expressa por meio da linguagem. Entendemos, pelo que diz o psicanalista, que, em alguma localização que se mostre irreduzível e alienada, aí se encontra o discurso.

Atrela-se, então, a questão de que para o discurso não há nada que se mostre enquanto fato. Pelas palavras de Lacan (2009, p.12):

[...] para o discurso, não existe nada de fato, se assim posso me expressar, só existe fato pelo fato de dizê-lo. O fato enunciado é, ao mesmo tempo, fato de discurso. É isso que designo com o termo artefato e, é claro, é isso que se trata de reduzir.

Há, ainda, a questão, por consequência desta afirmação de Lacan (2009) em relação ao discurso em sua consonância com o “fato enunciado”, de que não necessariamente se algo não é dito, não se trata de discurso. Aqui se pode pensar no “não dito psicanalítico” em que, por meio da ligação Inconsciente → Inconsciente muito se expressa e transita. O fato de não ser verbalizado algum conteúdo, portanto, não remete necessariamente a um “buraco negro” na interlocução/trânsito do discurso. O que perpassa principalmente a relação analista ↔ analisando vai além do que se expressa em palavras.

Há, portanto, que se considerar que, para Lacan (citado por Silveira, s/d), os discursos (a saber: do mestre, do analista, da histérica e universitário) de que trata são ditos “impossíveis”, por serem reais. O real é, a seu ver, o impossível. Para a lógica de raciocínio lacaniana, os quatro emergem simultaneamente, embora haja maneiras de serem percebidas, em algum momento, suas dissonâncias. Segundo Silveira (s/d), “Os discursos teriam um “progresso”, uma organização lógica, que se iniciaria no discurso da histérica, passando pelo discurso do mestre, indo ao discurso da universidade e finalizando no discurso do analista”. Logo, é perceptível a ligação entre ambos os quatro.

Mais especificamente, o discurso do mestre, ponto de essencial atenção no desenvolvimento desta pesquisa, é tido por Lacan (citado por Silveira, s/d) como a forma de linguagem e funcionamento do Inconsciente. Ainda afirma que numa escala “progressiva”,

este discurso não é o primeiro, visto que pode representar o sujeito como significante S1, ou seja, pode ser recalcado. Somente com o discurso da histérica, que põe em xeque e reivindica ação do discurso do mestre, é que se torna possível a emergência dos demais discursos.

Neste último discurso (da histérica), há o que Lacan (citado por Silveira, s/d) discute acerca da demanda partida dela, direcionada ao mestre. Exige deste, portanto, o saber, porém, não tem a solução de seus sintomas. O que resultaria numa correspondência a este “pedido” seria a causa do desejo, que está recalcado. Portanto, não há vias de controle sobre o desejo pelo saber e, em consequência, pela educação. Não há, então, a possibilidade de educar o desejo. Ela (histérica) “é dividida pelo objeto, ela tem problemas com o desejo, ela quer ser desejada pelo mestre enquanto sujeito (impossibilidade), enquanto só pode ser desejada como objeto” (citado por Silveira, s/d). O fracasso da potência da histérica se dá então, quando do seu não saber lidar com tal divisão do sujeito, originário no objeto.

Pode-se inferir que este discurso visa à provocação do saber, como um desafio à autoridade do mestre. Como objetivo, a produção do Inconsciente (por meio da associação livre). Implanta, assim, a dúvida e o questionamento acerca do saber do (grande) Outro. Esta passagem merece uma observação com caráter hipotético: já que trataremos da obra de Fonseca, “O Cobrador” (1979); e que, a partir dela, pensar-se-á acerca de um possível discurso histórico do protagonista, em desafio ao discurso social do mestre, os atos e falas do “cobrador” norteiam desde a cobrança verbal, até as ações de estupro e violências física e psicológica de suas “vítimas”.

Há o questionamento, então, ainda sem resposta, deste personagem ao grande “Outro” que é, enfim, o social. E, já que este pode ser pensado como portador do discurso do mestre, detentor dos saberes acerca do que deve ou não ser feito, pensar-se-á se isto de fato é visível na obra fonsequiana. A introdução de um tema como este, para que haja maiores reflexões a partir de uma hipótese repleta de meandros, é, então, vista como imprescindível, no campo das apresentações acadêmicas.

### **Referências**

Alves, L. A. N. (2007). Rubem Fonseca, leitor da formação. In XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. UFRJ, Rio de Janeiro. *Anais*. São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Hollanda, H. B., Gonçalves, M. A. (1987). *Cultura e participação nos anos 60*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

Lacan, J. (2009). *De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Nasio, J. – D. (1993). *5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Pinto, M. C. (2004). *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha - (Folha explica).

Silveira, P. D. (s/d). A impossibilidade e a impotência nos discursos. Versão online In *Tempo Freudiano: Associação Psicanalítica*. <http://www.tempofreudiano.com.br/artigos/detalhe.asp?cod=40>.

Vidal, A. J. (2000). *Roteiro para um narrador: Uma leitura dos contos de Rubem Fonseca*. São Paulo: Ateliê Editorial.